

Apoio social dá esperança a pessoas vivendo com HIV

05 Dezembro 2016, Hélio Nguane



ELA perdeu os pais vítimas de HIV/SIDA. Maria Amélia, nome fictício de uma menor de um ano de idade, está sob os cuidados da avó e dos tios. Além das dificuldades da família para obter comida e outros bens para a sua sobrevivência, ela tem de viver com o vírus que tirou a vida aos seus progenitores.

Encontrámos a menor no colo da avó, enrolada numa capulana. Com os olhos abertos, ela nem olhava para as pessoas que visitavam a sua residência, no bairro Chamanculo, cidade de Maputo.

“Viemos para te ajudar. Somos do projecto COVida, ajudamos crianças que perderam os pais vítimas de HIV/SIDA como ela. Daremos comida e o todo apoio de que precisarem”, disse um dos membros da comitiva composta por individualidades do Conselho Municipal da Cidade de Maputo (CMCM), Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e FHI 360, organização internacional de desenvolvimento humano sem fins lucrativos.

No rosto da avó, do tio e dos irmãos de Maria Amélia, acendia a esperança, o desejo de dias melhores. No entanto, a menor continuava distraída, entretida em seus “afazeres” de criança. Às vezes levava o dedo polegar à boca ou soltava algumas palavras inteligentes, mas incompreensíveis para os adultos.

Depois das apresentações dos visitantes, chegou a hora de a família da pequena Maria Amélia contar a história.

“Minha filha, a mãe da bebé, morreu há seis meses. Mas primeiro morreu o marido há um ano. Aqui vivo com os dois irmãos dela, de 14 e nove anos, e o meu filho mais novo”, contou a avó da menor.



O tio de Maria Amélia é pedreiro. Por vezes é chamado para executar trabalhos em algumas obras. “Vivo de biscates. Às vezes fico sem fazer nada, mas noutras tenho muitos 'jobs'”, contou, afirmando que é um desafio pôr comida na mesa e ajudar os filhos da sua falecida irmã.

“Meus outros irmãos também ajudam, mas precisamos de mais”, acrescentou.

O irmão mais velho de Maria deixou de ir à escola, pois faltava dinheiro para custear os estudos. O pouco que existia era usado para comprar comida. A irmã mais nova, a de nove anos, ainda estuda, mas a avó teme que ela também abandone a escola pelo mesmo motivo.

Além das panelas, que nem sempre estão cheias, a doença da menor é outra das preocupações.

“Ela nasceu forte, mas agora tem problemas nas pernas. Elas são fracas. Deve ser por causa da doença”, disse o tio, para depois apelar por ajuda para o tratamento da menor.

No entanto, os rastros da perda não são sentidos apenas na família da pequena Maria Amélia, mas também em muitas outras no bairro Chamanculo “C”, que muitas vezes não têm o devido acompanhamento. Para além de tirar a vida, a SIDA retira a esperança a milhares de petizes no país. Os dados disponíveis mostram que 800 mil crianças são órfãs por causa do HIV/SIDA. Perante esta situação, vários menores são obrigados ser chefes de família.

Ajuda para quem necessita



CHAMANCULO não é o único local escalado pelo projecto, sendo que um total 57 distritos serão abrangidos em todo o país.

Mais de 300 mil crianças órfãs e vulneráveis vão beneficiar do serviço de assistência contra o HIV, desnutrição e outros males que afectam esta camada social.

Com a duração de cinco anos, a iniciativa é orçada em 72 milhões de dólares norte-americanos e vai abranger mais de 100 unidades sanitárias.

Falando no acto do lançamento do programa, David Simango, presidente do Município da Cidade de Maputo, disse que o projecto é inovador, pois oferece um apoio multisectorial aos beneficiários.

“Esperamos que o projecto ajude a mudar a vida dos menores e a desenvolver o país. Ele foca na saúde, educação, nutrição e alimentação, fortalecimento económico, apoio psicossocial, protecção e apoio legal e habitação”, destacou.

O director do projecto, Hayley Bryant, explicou que é ambição do COVida reduzir a vulnerabilidade económica das famílias, melhorar os serviços de desenvolvimento da primeira infância (DPI) e colaborar com o Governo para fortalecer os sistemas de protecção social.

Mas, para que a iniciativa seja materializada na plenitude, afirmou Bryant, será necessário o devido acompanhamento.

“Temos formados mais de 3800 activistas. A cada duas semanas, os activistas visitam as famílias, providenciando serviços directos e ajudam-nas a tornarem-se auto-suficientes e fortes”, assegurou.

De acordo com a representante da ministra do Género, Criança e Acção Social, Carlota Maibasse, o projecto é de grande valia, pois interage com as associações, líderes comunitários e tradicionais, para o benefício dos menores. Afirmou que o sucesso da iniciativa depende dessa interacção com a comunidade.

No entanto, para a representante do Ministério da Saúde, Rosa Marlene, a interação com as comunidades ainda é um desafio. Explicou que a maior dificuldade com que muitas vezes as autoridades se deparam não é a falta dos medicamentos, mas sim a sua aquisição.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/capital/63249-apoio-social-da-esperanca-a-pessoas-vivendo-com-hiv.html>